

ENTREVISTA

Os Araras: O difícil contato com os brancos

Aktô, um menino índio de 13 anos, é a maior sensação do Posto de Vigilância 1 da FUNAI, numa área no Estado do Pará, perto de Altamira. Ele é o elemento chave dos contatos entre o homem branco e funcionários da FUNAI e a tribo dos araras, há onze anos arredio as investidas dos sertanistas.

As tentativas de aproximação com o grupo indígena formado por homens robustos e fortes, cabelos cortados ao tipo xinguano, estatura mediana e um pedaço de madeira atravessando o nariz, foram frustradas por diversas vezes até fevereiro deste ano, quando o sertanista Sidney Possuelo conseguiu o primeiro contato. Com ele trabalharam onze homens entre eles, um índio, que servia de intérprete. O Jornalzinho esteve com o SERTANISTA Possuelo, para contar aos leitores sobre a experiência, na frente de atração dos índios.

JBr — Sidney, explique aos leitores o que é um sertanista, e qual o seu trabalho.

Sidney Possuelo — O sertanista é o elemento encarregado dos primeiros contatos com os grupos indígenas. Normalmente, o contato é feito quando alguma coisa ameaça o grupo — uma estrada, projetos agropecuários, garimpos etc. O branco é quem leva a ameaça para essas tribos isoladas da sociedade. No caso, a FUNAI é quem tem o dever de tomar as medidas necessárias para proteger as comunidades indígenas.

JBr — Quais as primeiras medidas tomadas pelo sertanista, quando participa da frente de atração?

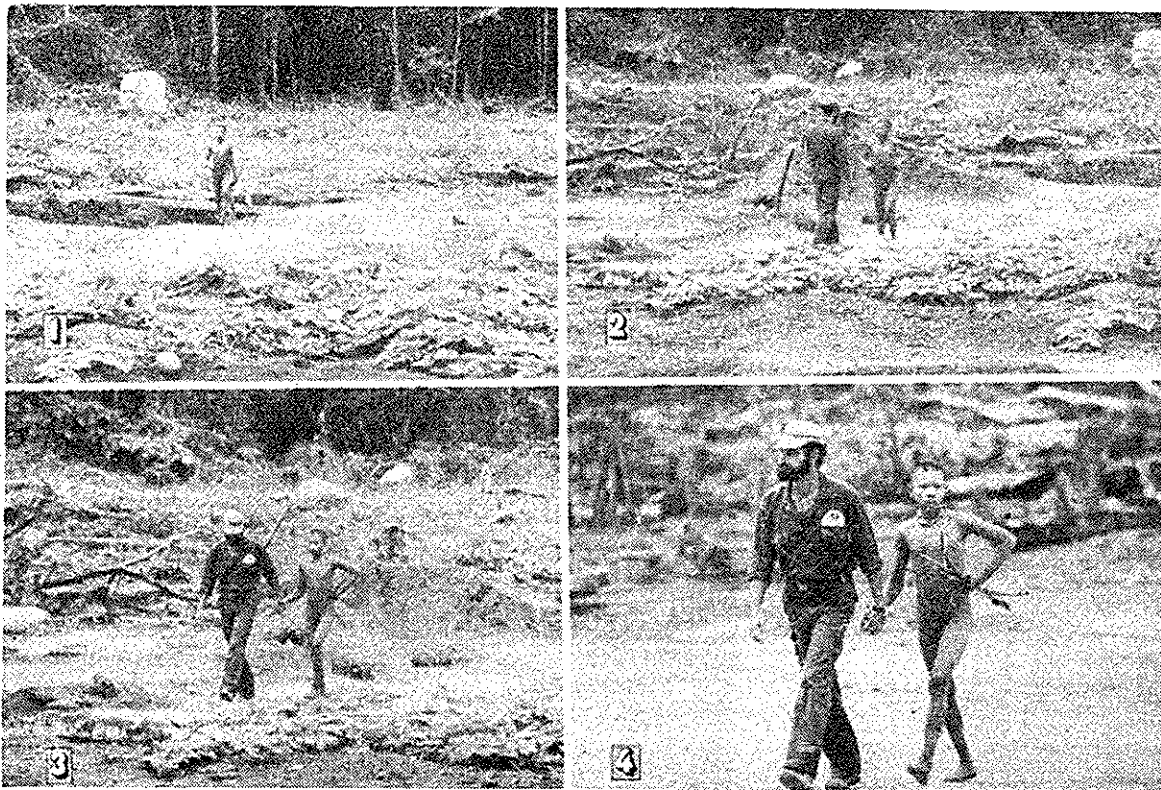
Sidney Possuelo — As primeiras medidas são: sobrevoar a área onde se localizam as aldeias ou roças; colocar isso dentro de um mapa e procurar as vias de acessos à tribo; aproximar-se o máximo, sem invadir o espaço do grupo; e preservar a área. Por questão de segurança a frente de atração sempre acampa em locais onde há limites com rios ou igarapés.

JBr — O que chama a atenção dos índios para os novos visitantes?

Sidney Possuelo — Eles sentem a nossa presença, somos vigiados e já sofremos ataques por sentirem ameaçados. O relacionamento começa com os lançamentos dos tapiri, locais onde deixamos presentes para serem trocados entre índios e brancos.

JBr — E no caso dos Araras, como se iniciou os contatos?

Sidney Possuelo — O nosso relacionamento também foi na base de troca de presentes. Mas com eles foi um pouco mais difícil. Há anos outros sertanistas vinham tentando a aproximação. Eles já conheciam o elemento branco pois suas terras faziam divisas com as de colonos hostis. Os Araras não distinguem entre nós e aqueles outros brancos. Então resolvi adotar uma estratégia diferente.



Fotos de Carlos Namba - Cediadas pela revista VEJA

Apesar de localizados há onze anos, só agora o sertanista Sidney Possuelo pôde manter contato com os arredios índios Araras

Estabeleci que o estilo de construção das nossas casas seria outro. Adotei uniformes com símbolo, para sermos distinguidos entre os outros brancos. Não entramos dentro da mata, não abrimos roças. Distribuímos os tapiri, mas não recebemos presentes.

Fomos atacados três meses depois de construída a nossa casa. Dois funcionários foram feridos. Depois do ataque, redobramos o número de

presentes no tapiri e fechamos as estradas próximas às suas áreas. Tempos depois eles começaram a nos dar presentes, (após 10 anos de silêncio) deixaram tubos de taquara cheios de mel, porco assado, um imenso jabuti e filhotes de papagaio entre outros. Quando eles queriam um presente repetido deixavam uma réplica de madeira. Tínhamos facões e até giletes feitas por eles, em madeira. Isso tudo levou mais

ou menos 9 meses até conseguirmos o primeiro contato.

JBr — Quando e onde isso aconteceu?

Sidney Possuelo — Foi no dia 2 de fevereiro deste ano. Eram em cinco e entre eles estava um menino, Aktô. Durante três dias apareceram no Posto, depois só o menino passou a nos visitar.

JBr — Descreva o encontro. Sidney Possuelo — Eles não queriam que nos aproxi-

mássemos. Tinham medo de doenças. O grupo disse que conhecia a gripe, pois deve ter havido alguma epidemia há alguns anos atrás entre eles. Em 1968 alguns sertanistas passaram por aquela área encontraram esqueletos agarrados em troncos de árvores. Os sertanistas acharam que se tratava dos próprios araras que morreram de epidemia.

JBr — Você sabe quais os seus costumes?

Sidney Possuelo — Nós não chegamos até a aldeia deles. Há muito que fazer para conseguirmos isso. Mas sabemos que são grandes pescadores e caçadores. As casas são compridas, em forma de duas águias. A alimentação é na base de mandioca, mamão, banana e farinha.

JBr — Quantos índios eles são?

Sidney Possuelo — Não podemos precisar o número exato, pois não sabemos quantas aldeias existem.

JBr — E a aldeia, vocês já a visitaram?

Sidney Possuelo — Não. Estamos aguardando um convite deles para ir até lá. Por enquanto, na parte administrativa, temos que tomar precauções, quanto ao problema de saúde, gripes, sarampos e outras doenças, pois podemos transmiti-las ou a qualquer outra pessoa desinformada. Normalmente, essas doenças aparecem com o contato entre brancos e índios. E podem disseminar o grupo. Essas são condições que ocorrem muitas vezes, alheias à nossa vontade. A primeira visita sempre é importante, só assim temos condições de verificar se há algum problema e auxiliarmos, no que for preciso.

AKTÔ, uma criança índia é o contato entre os sertanistas e sua tribo

Provavelmente, Aktô, uma criança índia que vive a mais plena liberdade, dentro do seu pequeno grande mundo — a selva Amazônica — não sabe nada sobre o outro mundo, habitado por homens brancos.

Aktô ouviu de seus pais, avós, tataravós e toda a sua geração anterior, que os homens brancos fazem mal ao índio. E que eles não conhecem nada de sua civilização, por isso querem acabar com ela. Os antepassados de Aktô certamente tiveram muita razão para pensar assim. Ele próprio, Aktô, pensa assim, tanto que diz ao sertanista Possuelo e a seus homens, que sempre há outros índios vigiando, enquanto ele está entre os brancos.

Mas Aktô aceita o desafio. Ele tem, com certeza, a permissão de seus pais ou chefes do grupo para visitar o Posto da FUNAI. Ele sempre sai de lá vestido com badulaques, — bonés, camisas, facões, espelhos tudo o que pega ou ganha dos frentistas da Funai. Depois

se embrenha na mata para voltar pelado, afim de repetir a cena anterior. Ele está encantado com tudo o que os brancos possuem e mesmo o sertanista Possuelo já sente uma grande estima por Aktô.

Sidney Possuelo diz que Aktô vive como qualquer outra criança, índia ou branca. Gosta de brinquedos, cria bichos, se banha nos igarapés, mas é uma pessoa muito ligada à natureza. "A criança índia tem muito respeito pelos pais", diz Possuelo. "é muito responsável. Mais do que qualquer criança da nossa civilização, na mesma idade. Nada é negado aos pequenos índios. Não têm horários a respeitar, não têm hora certa para comer, dormir ou brincar. Ela é criada com muita liberdade. Aktô chegava ao Posto todos os dias pela manhã e somente partia ao entardecer".

"Aktô é uma criança livre, ingênua e feliz, pois aceita a amizade daqueles homens, que sempre foram aos seus olhos, uma ameaça à sua gente."

